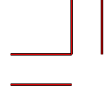


J E R E M I A S



COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO



JEREMIAS

VOLUME 2 · CAPÍTULOS 21 A 52

John L. Mackay



Comentários do Antigo Testamento – Jeremias vol. 2, de John Mackay © 2018, Editora Cultura Cristã. Título original em inglês *Jeremiah* © 2004, John L. Mackay. Publicação em português autorizada pela Christian Focus Publication Ltd. Geanies House – Fearn, Tain – Ross-Shire. IV20 TWE – Scotland UK. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2018 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial	Produção Editorial
Antônio Coine	<i>Tradução</i>
Carlos Henrique Machado	Vagner Barbosa
Cláudio Marra (<i>Presidente</i>)	<i>Revisão</i>
Filipe Fontes	Claudete Água de Melo
Heber Carlos de Campos Jr	Magno Paganelli
Marcos André Marques	<i>Editoração</i>
Misael Batista do Nascimento	Zenaide Rissato
Tarcízio José de Freitas Carvalho	<i>Capa</i>
	Magno Paganelli

M153c Mackay, John L.
Comentários do Antigo Testamento – Jeremias vol. 2 / John L. Mackay;
traduzido por Vagner Barbosa. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

704 p.

ISBN 978-85-7622-688-8

Tradução *Jeremiah*

1. Comentários 2. Estudo bíblico 3. Exegese I. Título

CDU 2-277

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP: 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

Volume 2

Abreviações	7
Mapas	9

COMENTÁRIO

VIII. Reis e profetas denunciados (21.1–24.10)	11
IX. Juízo sobre as nações (25.1-38)	93
X. A controvérsia com os falsos profetas (26.1–29.32)	119
XI. A restauração de Israel e de Judá (30.1–33.26)	189
XII. A necessidade de fidelidade (34.1–36.32)	301
XIII. O cerco e a queda de Jerusalém (37.1–39.18)	349
XIV. Jeremias depois da queda de Jerusalém (40.1–45.5)	393
XV. As palavras do Senhor contra as nações (46.1–51.64)	457
XVI. Suplemento: profecia cumprida (52.1-34)	607

APÊNDICE:

A cronologia do período	627
Notas	643
Obras citadas	699

SUMÁRIO DO VOLUME 1

INTRODUÇÃO

1. Abordando Jeremias
2. A formação e a estrutura do livro de Jeremias
3. O mundo de Jeremias
4. A vida de Jeremias
5. Profetas e profecia
6. A teologia de Jeremias
7. Traduções e tradução

COMENTÁRIO

- I. Introdução e chamado (1.1-19)
- II. O ministério inicial de Jeremias (2.1–6.30)
- III. Advertências sobre a adoração (7.1–8.3)
- IV. Desobediência e punição (8.4–10.25)
- V. Rejeição da aliança (11.1–13.27)
- VI. Julgamento inevitável (14.1–17.27)
- VII. Jeremias e o oleiro (18.1–20.18)

ABREVIACÕES

- ABD* *Anchor Bible Dictionary*. D. N. Freedman (org.). 6 vol. Nova York: Doubleday, 1992.
- ANET*, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. J. B. Pritchard (org.) 3ª ed. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- AV* Authorised Version (King James) (1611).
- BDB* F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs (orgs.). *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1907.
- BHS* *Biblica Hebraica Stuttgartensia*. K. Elliger e W. Rudolph (org.). Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1977.
- GKC* W. Gesenius, E. Kautzsch e A. E. Cowley, *Gesenius Hebrew grammar*. Oxford: Clarendon Press, 1910, 2ª ed. (citada por seção).
- GNB* Good News Bible (versão atual na língua inglesa). Glasgow: Collins/Fontana, 1976.
- HALOT* *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. L. Koehler, W. Baumgartner e J. J. Stamm. 5 vol. Brill: Leiden, 1994-1999 (citado por página).
- IBHS* *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*. B. K. Waltke e M. O'Connor. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1990 (citado por seção).
- ISBE* *International Standard Bible Encyclopedia*. G. W. Bromiley (org.). 4 vol. Grand Rapids: Eerdmans, 1979-1988.
- Joüon* Joüon, P. *A Grammar of Biblical Hebrew*. Trad. e rev. T. Muraoka. Roma: Editrice Pontificio Instituto Bíblico, 1991.
- LXX* Septuagint, according to *Septuaginta II*, A. Rahlfs (org.). Deutsche Bibelgesellschaft: Stuttgart, 1982.
- MT* Massoretic Text (como em *BHS*, acima).
- NASB* New American Standard Bible. LaHabra, Califórnia: The Lockman Foundation, 1995.

- NIDOTTE*, *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*. W. A. VanGemeren (org.). 5 vol. Grand Rapids: Zondervan, 1997 (citado por volume e página).
- NIV New International Version. Londres: Hodder and Stoughton, 1988.
- NJPS *Tanakh: The Holy Scriptures: The New JPS Translation according to the traditional Hebrew text*. Filadélfia: The Jewish Publication Society, 1985.
- NKJV New King James Version. Nashville: Thomas Nelson, 1982.
- NLT New Living Translation. Wheaton, Illinois: Tyndale House, 1997.
- NRSV New Revised Standard Version. Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1989.
- REB Revised English Bible. Oxford University Press e Cambridge University Press, 1989.
- RSV Revised Standard Version. Londres: Oxford University Press, 1963.
- TDOT* *Theological Dictionary of the Old Testament*. G. J. Botterweck, H. Ringgren e H-J. Fabry (orgs.) 11 vol., continua. Grand Rapids: Eerdmans, 1974-.
- TWOT* *Theological Wordbook of the Old Testament*. R. L. Harris e G. L. Archer (org.). 2 vol. Chicago: Moody Press, 1980 (citado por número de entrada).

Mapa 1 Síria–Palestina



Mapa 2 O Império de Nabucodonosor, por volta de 580 a.C.



VIII. REIS E PROFETAS DENUNCIADOS

(21.1–24.10)

ESBOÇO

- A. Uma investigação real (21.1-14)
 - 1. O pedido (21.1-2)
 - 2. Uma resposta desanimadora (21.3-7)
 - 3. Uma mensagem para o povo (21.8-10)
 - 4. Uma mensagem para a casa real (21.11-14)

 - B. Os reis de Judá (22.1–23.8)
 - 1. Advertência ao rei de Judá (22.1-9)
 - 2. A respeito de Salum (22.10-12)
 - 3. A respeito de Jeoaquim (22.13-19)
 - 4. Complacência aniquilada (22.20-23)
 - 5. A respeito de Joaquim (22.24-30)
 - 6. O Renovo justo (23.1-8)

 - C. A respeito dos profetas (23.9-40)
 - 1. Condenação dos maus profetas (23.9-15)
 - 2. Não ouçam (23.16-24)
 - 3. O fogo e o martelo (23.25-32)
 - 4. O “fardo” do Senhor (23.33-40)

 - D. Os cestos de figos (24.1-10)
 - 1. Os dois cestos (24.1-3)
 - 2. Os figos bons (24.4-7)
 - 3. Os figos ruins (24.8-10)
-

No início do capítulo 21 há uma forte quebra em Jeremias, e o material que se segue tem uma alta proporção de prosa, geralmente localizada em contextos históricos específicos. Mais que isso: inicialmente o relógio move-se significativamente para frente e somos levados aos últimos anos de Zedequias. A mudança de estilo tem sugerido a muitos que há uma alteração na maneira como o livro foi composto. A hipótese mais razoável a respeito disso é que Baruque começou a assumir um papel mais ativo na montagem do material que Jeremias lhe deu, e que Baruque e Jeremias, juntos, são os narradores responsáveis por essa apresentação. A sequência cronológica interrompida mostra que há um deliberado contraste sendo feito entre o início do ministério de Jeremias, que anunciava o arrependimento como o modo de evitar a catástrofe que estava vindo sobre a nação, e o seu ministério posterior, quando o destino da nação estava selado, mas a possibilidade de atenuação do desastre estava presente mesmo se tardiamente dessem atenção à exortação do profeta.

Essa parte da profecia começa com uma fórmula introdutória formal que indica a garantia de Jeremias para o que estava falando (21.1). Os comentaristas não são unânimes sobre se 21.11 marca o início de uma nova seção do material ou não. A opinião adotada aqui é que não é, e que todo o capítulo 21 foi reunido como uma unidade durante os últimos anos do reinado de Zedequias. Ele é seguido no capítulo 22 por denúncias contra os últimos reis de Judá, culminando em 23.1-8 com a visão do Renovo justo, que será um governante verdadeiro e bendito do povo da aliança. É interessante que Zedequias (o nome significa “o Senhor é a minha justiça”) não é mencionado explicitamente entre os reis que são criticados, e que Renovo justo (23.5) é um jogo de palavras com seu nome. Parece provável que essa seção da profecia tenha sido reunida por Baruque nos meses finais do cerco para constituir um apelo a Zedequias para que agisse de maneira responsável com relação ao bem-estar do povo – e com relação ao seu próprio futuro. Ela incorpora um apelo ao arrependimento, mas não do tipo que Jeremias fazia no início do seu ministério, quando um retorno ao Senhor teria evitado a catástrofe que estava vindo sobre a terra. Nesse momento o destino da nação está selado, mas é possível amenizar sua punição se ela for obediente à palavra de Jeremias e render-se aos babilônios em vez de resistir a eles. Esse foi o desafio feito a

Zedequias e a seu povo. A submissão era considerada um ato de traição – sem dúvida no contexto político era mesmo – e defendê-la trouxe a Jeremias muito sofrimento no período que levou à queda de Jerusalém. No entanto, isso explica por que essa seção veio a ser reunida e a função que pode ter desempenhado. Essa mensagem continuaria sendo de vital importância para os sobreviventes do colapso de Judá: a Babilônia era o meio designado pelo Senhor para punir o seu povo. Aceitar o governo babilônio era reconhecer o mandato divino que estava por trás dela – por enquanto.

As duas seções restantes dessa parte da profecia concentram-se em outros grupos da Terra Prometida. A perniciosa influência dos falsos profetas é exposta em 23.9-40, e num pós-escrito de conclusão o capítulo 24 relata uma visão que apresenta o destino do povo em geral sob a imagem de dois cestos de figos. Juntas, essas seções reforçam a insensatez da política praticada em Jerusalém e apresenta o futuro como o Senhor o vê. Nas suas primeiras mensagens Jeremias não tinha submetido a monarquia à crítica pessoal e detalhada que é feita nessa divisão da sua profecia.

A. UMA INVESTIGAÇÃO REAL (21.1-14)

A opinião aceita é que a frase no início do versículo 11 não marca o início de uma nova seção que vai até 23.8, mas que há uma resposta tripla à investigação real feita nos versículos 1-2. Primeiro Jeremias responde diretamente ao rei com uma palavra firme de advertência sobre a destruição que está guardada para a cidade (v. 3-7). Mas o destino de Jerusalém não é algo que interessa somente ao rei. Essa é uma questão que interessa a toda a nação, que é aconselhada sobre como atenuar a sentença que foi declarada contra ela (v. 8-10). Então, há uma palavra para a casa real (o rei e os cortesãos) a respeito da justiça do que lhes sobrevirá (v. 11-12) e também da certeza de que o Senhor executará a sentença que declarou contra aqueles que tinham uma falsa noção da própria invencibilidade (v. 13-14).

1. O pedido (21.1-2)

1. A fórmula introdutória, **Palavra que veio a Jeremias da parte do SENHOR**, é idêntica, no hebraico, à que é encontrada em 7.1, em

que é traduzida: “Palavra que da parte do SENHOR foi dita a Jeremias”. Ela marca uma importante transição no livro ao lembrar ao leitor qual é a fonte da autoridade do profeta. O conteúdo da mensagem só fica claro no versículo 4, em primeiro lugar por causa dos detalhes fornecidos a respeito da ocasião em que foi proferida: **quando o rei Zedequias lhe enviou Pasur, filho de Malquias, e o sacerdote Sofonias, filho de Maaseias, dizendo.** O pedido é declarado no versículo 2. Zedequias era uma pessoa fraca com uma base de poder fraca. Para mais informação sobre seu caráter e sua situação, veja sobre 37.1. Quando um novo Faraó, Ofra (também conhecido como Apries, 589-570 a.C.), subiu ao trono no Egito e parecia favorecer a rebeldia aos babilônios, Zedequias foi induzido a quebrar seu juramento de lealdade a Nabucodonosor. Os babilônios não deixaram essa ação passar despercebida não meramente porque qualquer rebelião contra seu domínio era vista como séria, mas porque Judá era um Estado-tampão importante contra a invasão egípcia pelo Norte, e impedir isso era um elemento importante da política babilônia. Por isso a situação chegou ao ponto em que Zedequias foi deixado em Jerusalém com o exército babilônio cercado a cidade, enquanto nenhuma ajuda parecia ser mandada pelo Egito. Aqui o vemos atirando para todos os lados para saber o que fazer, e essa é apenas a primeira das várias ocasiões em que recorreu a Jeremias (para um panorama da sequência dos acontecimentos durante o cerco final de Jerusalém, veja o volume 1, Introdução §4.6). Obviamente Zedequias reconhecia que os oráculos dos profetas de paz não tinham se concretizado, como também não as esperanças dos seus conselheiros de que o Egito viria em seu auxílio. Como muitos antes e depois dele, ele recorreu a Deus como último recurso.

Ao enviar essa delegação, inconscientemente Zedequias estava cumprindo a profecia de 15.11 de que os inimigos de Jeremias lhe fariam súplicas quando o juízo divino caísse sobre eles. Ao recorrer ao profeta, Zedequias estava mostrando maior aceitação das suas credenciais e da sua fidelidade do que Acabe estava preparado para mostrar no caso do profeta Micaías (1Rs 22). Além disso, foi um grupo de alto nível que Zedequias enviou ao profeta. O Pasur mencionado aqui não é o mesmo Pasur, filho de Imer (20.1), embora seja possível que a dupla ocorrência desse nome tenha levado essa seção a ser colocada depois do capítulo 20, quando Jeremias e Baruque reuniram os relatos

de vários episódios do ministério de Jeremias. O contraste entre os dois homens com o mesmo nome, um punindo o profeta e outro vindo buscar sua ajuda, enfatizava a extensão a que a credibilidade do profeta tinha chegado agora que o desastre há muito tempo predito tinha vindo sobre a nação. Pasur, filho de Malquias, era um antigo conselheiro real, um daqueles que, num estágio posterior, foram responsáveis por tratar Jeremias com severidade (38.1-6). Seus descendentes são mencionados em Neemias 11.12 e 1Crônicas 9.12.

O sacerdote Sofonias também era uma pessoa importante em Jerusalém naquela época (29.25; 37.3; 52.54). Ele era o sacerdote mais importante depois do sumo sacerdote (52.54) e era, assim, o supervisor do templo, um sucessor ao posto ocupado por Pasur no capítulo 20. Depois da queda da cidade, ele foi executado pelos babilônios (52.57). No entanto, ele parece ter tido uma disposição favorável a Jeremias. Pelo menos tinha sido acusado anteriormente de não repreender nem punir Jeremias como deveria (29.24-29). Ele também tomou parte de uma segunda delegação de Zedequias a Jeremias um pouco depois dessa ocasião (37.3). Aqui ele representa a liderança religiosa da época, assim como Pasur representa a liderança civil.

2. A tarefa da delegação era pedir ao profeta: **Pergunta agora por nós ao SENHOR.** “Agora” (*nā*’, “por favor”, NKJV, NRSV) traduz a partícula precativa, usada aqui para enfatizar que o pedido é feito com o devido respeito ao profeta. “Pergunta” (<*√dāraš*, 10.21) é um pedido um pouco diferente de “intercede” (<*√pālal*, hithpael, 7.16; 37.3). Das 165 ocorrências da raiz *dāraš* no Antigo Testamento, cem envolvem buscar ou perguntar a Deus (Balentine 1984:167), geralmente como uma expressão de fidelidade geral ou como um pedido de ajuda (Sl 34.4; 77.2). Contudo, vinte dessas ocorrências envolvem recorrer a um profeta com um pedido para que ele “pergunte a Deus”. Outros exemplos incluem Josafá pedindo uma palavra sobre se ele e o rei de Israel deviam se envolver numa batalha (1Rs 22.7-8); Josias enviando um grupo de oficiais, incluindo o sacerdote Hilquias, para consultar Hulda sobre o significado do Livro da Lei (2Rs 22.13, 18); os anciãos de Israel indo a Ezequiel para perguntar sobre o destino dos exilados (Ez 20.1, 3). Nesses casos, o profeta agiu como um canal de comunicação divino, de modo que a palavra do Senhor ao rei e ao povo em cada caso pudesse ser determinada. Assim, aqui, o que

é pedido é informação sobre o que acontecerá e conselho da parte do Senhor quanto ao que devem fazer.

A razão para buscarem conselho é suficientemente clara: era **por que (*kî*) Nabucodonosor, rei da Babilônia, guerreia contra nós**. Para o significado e a ortografia do nome Nabucodonosor, veja sobre 27.6. Não é totalmente claro o que é indicado por “guerreia contra nós”/“nos ataca”. A cronologia do cerco final de Jerusalém apresenta várias dificuldades, mas parece que em 589 a.C. as forças babilônicas se moviam para o sul contra Judá, e começaram o bloqueio da cidade no décimo mês do nono ano de Zedequias (2Rs 25.1), isto é, 15 de janeiro de 588 a.C. O versículo 4 indica que o inimigo tinha chegado a Judá, e o cerco já podia ter começado. Nesse momento o cerco provavelmente já durava dois anos e meio, interrompido nos primeiros meses de 587 a.C. pela demorada intervenção egípcia (veja o Apêndice §12). Nesse ponto Jeremias foi preso (37.13). Porém, nessa passagem não há sugestão de que Jeremias esteja na detenção, por isso ela pode ser datada imediatamente antes dos primeiros estágios do cerco ou durante ele (dependendo de como o v. 4 é interpretado), provavelmente não muito depois de janeiro de 588 a.C. Quando o profeta é abordado aqui, a força do exército que vem do norte é muito evidente, e a ajuda egípcia ainda não tinha se materializado.

Por intermédio dos seus emissários, o rei coloca diante do profeta a possibilidade: **Bem pode ser que o SENHOR nos trate¹ segundo todas as suas maravilhas e o faça retirar-se de nós.**² “Maravilhas” (*niple’ôt*) refere-se aos atos de espantoso poder de Deus que revelam seu controle soberano sobre todas as coisas. O termo é frequentemente usado no livro de Salmos, por exemplo no salmo 86.10. Ele lembra a redenção providenciada pelo Senhor no tempo do êxodo, quando atingiu os egípcios com todas as maravilhas que realizou entre eles (Êx 3.20). Sem dúvida o que estava na mente do rei e dos seus conselheiros era mais especialmente o modo como o cerco assírio tinha sido milagrosamente levantado por meio da intervenção do Senhor nos dias de Ezequias, em 701 a.C. (2Rs 19.2). Talvez também considerassem que os ataques babilônios anteriores à cidade, em 605 a.C. e 597 a.C., não tinham sido tão completamente desastrosos quanto poderiam ter sido. Embora não se atrevam a dizer (“pode ser”), um desempenho repetido, particularmente o de 701 a.C., era o que realmente

queriam ver. A Babilônia seria tratada do mesmo modo que o Egito e a Assíria? O Senhor provaria ser uma fonte confiável de libertação na crise iminente? Mas o pedido deixa claro que a lição que Jeremias tinha tentado ensinar durante quase quarenta anos tinha caído em ouvidos moucos. Não há menção a arrependimento; não houve reconhecimento de que o que estava acontecendo era apenas consequência do pecado deles. De fato eles ainda estavam aceitando a teologia unilateral dos profetas da paz e esperando que o Senhor agisse sem que houvesse qualquer mudança da parte do povo.

2. Uma resposta desanimadora (21.3-7)

3-4. A resposta de Jeremias é firme. **Então, Jeremias lhes disse: Assim direis a Zedequias: Assim diz o SENHOR, o Deus de Israel: Eis que farei retroceder as armas de guerra que estão nas vossas mãos, com que vós pelejais fora dos muros contra o rei da Babilônia e contra os caldeus, que vos oprimem.** A resposta do Senhor é uma afirmação categórica da iniciativa e do controle divinos, mas não oferece ajuda ao povo. Há dois modos de entender a afirmação, dependendo de se a cláusula “fora dos muros” é interpretada como referindo-se aos babilônios (como na NIV) ou às armas de guerra. O sentido teria sido óbvio para os ouvintes originais. Se forem os babilônios que estiverem fora dos muros, então o cerco já foi formado e as armas de guerra mencionadas são aquelas que os defensores da cidade estão usando contra os que estão fora dela. A última cláusula, **tais armas, eu as ajuntarei no meio desta cidade,*** como a NLT torna explícito, refere-se às tropas babilônicas, que são vistas como vitoriosas dentro da cidade capturada.

Porém, também é possível ler o texto hebraico de modo que as armas de guerra dos defensores é que estão localizadas fora da cidade. Nesse caso, a ocasião é um estágio inicial da campanha babilônica, quando o bloqueio da cidade não estava tão reforçado quanto se tornou posteriormente. Ainda era possível às forças de Judá fazerem investidas fora dos muros. O Senhor declara que as armas que eles estão usando fora da cidade, na luta contra os babilônios, serão, pelo seu decreto, trazidas para dentro da cidade (talvez o uso seja uma metonímia para os soldados que usam as armas), e serão usadas numa